

### Resenha

**Fim do mundo: guerras, destruição e apocalipse na história e no cinema**  
(GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos [et al]. Porto Alegre: Argonautas, 2012. 224 p.)

Manuela ANDRADE<sup>1</sup>

A presente publicação foi fruto do sexto Ciclo de Cinema, História e Educação realizado pelo departamento de História da UFRGS em parceria com a Sala Redenção – Cinema Universitário em 2012. O grupo de professores e bacharéis de diversas áreas diferentes (historiadores, sociólogos, psicólogos, biólogos, educólogos) e críticos de cinema se propôs a analisar treze filmes com a temática do fim do mundo, ou fim da humanidade e refletir sobre o contexto social e humano no qual as obras são ambientadas e acerca das referências míticas as quais as películas se referenciam.

No livro, os colaboradores abordam a escatologia, o milenarismo e o apocalipse de maneira a abranger os mais variados corpos que essa materialização do fim dos tempos pode tomar no cinema: invasões alienígenas, ataques zumbis, desastres naturais, entre outros. Alguns autores ainda exploram filmes mais existencialistas, vide obras de diretores como Kubrick e Tarkovsky, com um perfil menos *mainstream*. Um dos pontos altos da obra é, certamente, utilizar do cinema para problematizar o próprio trabalho do historiador enquanto intérprete da realidade e produtor de significados.

Na introdução Cesar Augusto Barcellos Guazzelli, professor de história e relações internacionais na UFRGS, faz uma breve apresentação sobre os mais ancestrais registros de temores relativos a um suposto fim dos tempos, citando desde *Gênesis* até a *Epopéia de Gigamesh*, narrado na Suméria. O autor segue exemplificando teses evolucionistas acerca da perenidade da vida humana na Terra e pondera sobre o medo real de um fim, respaldado pela teoria das catástrofes de Isaac Asimov. Mas Guazzelli deixa claro que não tem a menor pretensão de alimentar distopias e que a única certeza é que o futuro da vida na terra é incerto.

O primeiro capítulo do livro foi escrito por Guazzelli, um dos

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Culturas Midiáticas da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Email: manuelaa.andrade@gmail.com

organizadores da publicação acima apresentado e Sílvia Moehlecke Copé, professora adjunta de história da UFRGS. Copé faz uma análise do filme *Apocalypto*(2006) dirigido por Mel Gibson acerca da representação histórica e o grau de veracidade da direção de arte e *mise em scène* da película em relação aos costumes e hábitos da cultura maia, e os julga como deficientes. A autora também realiza uma reflexão sobre as diversas interpretações de contagem do famoso calendário maia. Já Guazzelli confronta lendas e mitologias ocidentais e orientais escatológicas com registros históricos e constata que a previsão fantástica do fim do mundo através do dilúvio seria recorrente. Ele ainda enfatiza que o capítulo do apocalipse da bíblia é o único que não possui referências temporais com o período o qual teria sido escrito – diferente dos demais capítulos da bíblia -, e esta seria uma razão pelo qual inspiraria tantas confabulações.

No segundo capítulo, Charles Sidarta Machado Domingos, professor de história da IFSUL e Luiz Dario Teixeira Ribeiro, professor de história contemporânea de UFRGS utilizam o filme *Dr. Fantástico*(1964) para investigar os reflexos sociais do evento que chegou mais perto de concretizar o fim da humanidade; a ameaça da guerra nuclear. Os historiadores enxergam no filme uma forma satírica e alegórica de pensar na crise nuclear da guerra fria como fruto de uma ameaça tecnológica regida por um poder irracional; visto que os governantes seriam insanos e inconsequentes e haveria uma sobrevalorização dos interesses privados em detrimento aos interesses públicos. Os autores ainda se valem de Noam Chomsky e Fred Halliday com suas respectivas teorias internalista e intersistêmica para pensar o fenômeno da Guerra Fria.

Nikelen Acosta Witter, professora de história contemporânea da UNIFRA, no terceiro capítulo analisa o filme *Contágio*(2011) de Steven Soderbergh. A peste negra é a forma como o fim do mundo se materializa nesta película e Witter realiza uma crítica relacionada à falta de sensibilidade pela qual o diretor teria tratado as relações humanas no filme. A historiadora frisa o desespero que pairou na época em que a peste de fato aconteceu, e como houve uma incessante busca por culpados e explicações (na época os negros foram acusados como originários da doença e o fanatismo religioso era muito forte). Witter se inquieta diante da assepsia do filme. Para ela, a obra passa uma ideia extremamente medicalizada da situação e uma racionalidade irreal.

No quarto capítulo Cassius Ugarte Sardiglia, professor de biologia da IFSUL e Fernanda Beron da Cunha, professora de biologia da IFRS também estudam o filme de Soderbergh. Os biólogos o relacionam com epidemias mais recentes como a H1N1 e a SARS e enxergam o enredo da película como verossímil nos dias atuais, visto que a espécie humana estaria propensa a entrar em extinção. Eles apontam as mudanças de ecossistema e o encurtamento das distâncias como agravadores do risco de transmissão de doenças. Os autores ainda disparam uma crítica à megalomania estadunidense e denunciam que os norte-americanos sempre seriam os salvadores do mundo neste tipo de enredo hollywoodiano.

Carlos Augusto Falcão Filho, mestre pela educação pela ULBRA, César Augusto Oliveira de Almeida, escritor e crítico de cinema e Rafael Hansen Quinsani, doutorando em história da UFRGS no quinto capítulo tratam das lendas de zumbis e atestam que as primeiras estórias teriam surgido no Haiti e associavam os mortos-vivos a povoados exóticos e a escravidão. Os autores explicam como George Romero traz estas figuras para o ambiente urbano e esmiuçam as peculiaridades narrativas da *A Noite dos Mortos Vivos*(1968) e dos demais filmes da trilogia de Romero, de forma a identificar os contextos sociais ao qual estão inseridos. Eles defendem que a metáfora da ameaça zumbi nos filmes do autor está associada a engajamentos políticos do próprio Romero, constantemente inspirado em problemáticas sociais.

Os capítulos seis e sete tratam do filme *A Última Esperança da Terra*(1971) de Boris Sagal e a primeira análise é feita por Fatimarlei Lunardelli, jornalista e crítica de cinema. O filme é baseado no livro *I am legend*(1954) de Richard Matheson e no roteiro levado para o cinema a população seria contaminada por um vírus mutante e o alastramento da doença teria se dado através de uma guerra biológica entre EUA e URSS. Para a jornalista, a obra apresenta um final mais otimista do que a obra literária, visto que na película o protagonista deixaria um antídoto para os sobreviventes que não estavam contaminados pela praga mutante e pertenciam a uma espécie de contracultura. Lunardelli também cita um estudo do filósofo Slavoj Zizek a respeito do filme, em que o esloveno afirma que o diretor haveria negado uma hermética obscurantista sobre o significado profundo de catástrofe, visto que o final aponta para um novo início de renovações.

Na segunda análise do filme de Boris Sagal, realizada por Carla

Brandalise, professora de história contemporânea na UFRGS, é produzido um breve panorama introdutório sobre as lendas acerca do fim do mundo, no qual são expostos textos bíblicos do apocalipse e o temor do milenarismo. A autora destaca a obsessão do apocalipse como um prelúdio de uma época de paz e boas novas. Brandalise ainda tece comentários quanto aos temores reais de guerra nuclear e da guerra biológica que rondam os contemporâneos e questiona o fim do mundo como ideia atraente diante do pessimismo que assola a sociedade (descrente em religiões e desacreditada na razão científica).

No capítulo oito Arthur Lima de Ávila, professor adjunto de história moderna e contemporânea da UFPel, faz uma espécie de raio-x do medo na história dos EUA. O autor mostra como desde a condenação das bruxas de Salem a sociedade estadunidense vive sob o domínio do temor de uma força maior externa, por vezes sobrenatural. Para Ávila a função deste pseudo estado de alerta seria manter um controle social manipulativo e instrumentalizar preconceitos. Ávila vai sugerir que o temor a seitas satânicas sempre andou de mãos dadas com a história dos EUA, e que hoje, este lugar de pregador de temores antes ocupado pela igreja católica agora seria protagonizado pela indústria fílmica hollywoodiana. Caberia a Hollywood o papel de disseminar o medo e aversão a terroristas e a tudo que venha de encontro ao caminho desenvolvimentista do *american way of life*. Percebe-se também uma ênfase em todo o texto sobre o forte fundamentalismo religioso presente nos EUA. Segundo o autor, após o lançamento do filme *O Exorcista*(1973) de Willian Friedkin, as igrejas multiplicaram o número de fiéis e Ronald Reagan, maior representante da igreja cristã na época, foi eleito presidente.

Nilza Silva, graduada em psicologia na UFRGS, no capítulo nove identifica em *O Advogado do Diabo*(1997) dirigido por Taylor Hackford como uma provocação para se pensar o maniqueísmo entre bem x mal. Para a autora, o principal legado do filme é admitir uma espécie de genialidade implícita em ambos os pólos dessa força invisível. Silva acredita que um suposto amadurecimento intelectual só surgiria através de uma exploração dos dois lados destes extremos radicais fictícios. Ela ainda discorre sobre o fazer histórico e o caráter abstrativo inerente à interpretação da realidade com Nietzsche e Foucault.

Nos capítulos dez e onze são realizadas duas análises sobre o filme

*Armageddon*(1998) de Michael Bay. No primeiro deles, Eduardo Martinelli Real, professor de sociologia da IFSUL afirma que o filme apresenta uma salvação do mundo feita pelo proletariado, por homens comuns. Para Real, o *blockbuster* funcionaria como uma crítica à razão científica e ao mesmo tempo um elogio à guerra, diante do arsenal que se monta para destruir o inimigo. O autor ainda destaca as nuances etnocentristas e antropocêntricas do filme, visto que é mais uma vez os EUA que salvam o mundo e esta é uma conquista do homem(antropos).

Já Rafael Belló Klein, bacharel em história pela UFRGS, além de constatar, assim como outros colegas do livro; a importância do cinema como subsídio documental para estudos históricos, é mais ácido ao abordar a imagem dos Estados Unidos retratadas no filme. O autor recorre à noção religiosa de Destino Manifesto para analisar a película. O Destino Manifesto consistiria na convicção alimentada na Igreja Católica de que os EUA seriam favorecidos por desígnios divinos. Para Klein, esta crença teria levado a civilização norte-americana à exterminação dos nativos pelo fato de se auto-intitularem uma raça especial (no filme são os donos da NASA e grandes salvadores do mundo). Segundo Klein, *Armageddon* é um ode ao capitalismo e ao messianismo nacional, visto que o grande herói é funcionário de uma indústria de petróleo.

Os capítulos doze e treze são de Diorge Alceno Konrad, doutor em história social do trabalho pela Unicamp e Helen Scorsatto Ortiz, professora de história da IFRS. Os historiadores analisam o filme *Guerra dos Mundos*(2005) de Steven Spielberg. Para Konrad, falta relevo quanto ao apocalipse, uma vez que o enredo teria ficado muito focado na crise do eixo familiar do protagonista. Para Konrad, *Guerra dos Mundos* apresentaria uma visão bitolada acerca das contradições sociais, visto que os elementos críticos a serem combatidos seriam sempre uma ameaça externa (nazistas, terroristas) e nunca interna. De acordo com o autor, Spielberg teria feito um filme preguiçoso, às pressas para simbolizar o sentimento de luto dos EUA perante o atentado do 11 de setembro. Konrad ainda reflete sobre o conceito de fim da história de Francis Fukuyama indo de encontro ao mesmo.

No capítulo treze, Helen Scorsatto Ortiz compara o contexto em que o livro que deu origem ao roteiro foi escrito ao contexto no qual o filme foi realizado. O livro *The War of The Worlds*(1898) de H.G. Wells foi escrito em Londres, em uma época

em que os ingleses dominavam um terço do mundo e temiam o declínio de seu império pela praga comunista, já o filme de Spielberg foi produzido nos EUA em uma América pós ataque terrorista. Ortiz ainda destaca as referências católicas em ambas as obras e a distinção dos protagonistas. No livro, se tratava de um cientista e no segundo um homem comum, sinalizando uma possível descrença moderna ao cientificismo.

Igor Salomão Teixeira, professor de história medieval da UFRGS, no capítulo quatorze faz uma crítica sobre à imagem medieval que o filme *Conquista Sangrenta*(1985) de Paul Verhoeven retrataria. Teixeira acredita que a película possui uma série de falhas históricas e sugere que no que diz respeito ao enredo, ficam mais evidentes dilemas contemporâneas do que medievais.

No capítulo quinze Luiz Roberto Lima Barbosa, professor de artes visuais da IFSUL ao analisar o *Ensaio Sobre a Cegueira*(2008) de Fernando Meirelles aponta o surto de cegueira como um mecanismo de retorno a uma sensibilidade. O autor acusa a enxurrada de imagens a qual a sociedade é exposta diariamente como um fator de distração dos focos sensíveis mais nobres e humanos. Barbosa ainda comenta uma entrevista de Saramago, escritor do livro que deu origem ao filme, na qual ele diagnosticaria uma ditadura do capital e do supérfluo em detrimento ao afeto das relações humanas.

Os capítulos dezesseis e dezessete tematizam *O Sacrifício*(1986) de Andrei Tarkovsky. Anderson Zalewski Vargas, professor de história da UFRGS inicia o primeiro texto descrevendo a complexidade dos filmes do diretor russo e o vasto leque de interpretações possíveis para cada película do cineasta. Para Vargas, em *O Sacrifício*, apesar do pesadelo nuclear ser a principal ameaça da trama, o fio condutor e o conflito crucial consistem no martírio individual de um intelectual tentando salvar o mundo da falta de espiritualidade.

Rafael Hansen Quinsani, doutor em história na UFRGS, trata da história do cinema soviético localizando Tarkovsky como cineasta-teórico de seu tempo; um artista que tinha como objetivo declarado fazer um cinema existencialista. Quinsani também vai comparar o trabalho do historiador ao do cineasta. Ele ainda comenta alguns filmes do diretor e finaliza o texto ressaltando que em *O Sacrifício* fica evidente o apreço pela crença e pela fé. A presença da fé seria ululante em toda obra e na própria vida do russo, visto que Tarkovsky acreditava que o fazer artístico, por si só, deveria ser

um trabalho de sacrifício perante o divino.

No capítulo dezoito, Gerson Wasen Fraga, professor de história da UFFS, analisa o filme *2012*(2009) e deflagra a natureza como grande vilã no argumento deste filme; como maior inimiga da humanidade. Fraga também vai declarar uma crítica ao posicionamento amorfo da narrativa no que tange os direitos ambientais, visto que o enredo eximiria de culpa a sociedade pelas atitudes nocivas de degradação do meio ambiente. Para Fraga, a inexistência de crenças religiosas e a normatização de uma economia desigual seriam outra característica da película. Em *2012* não parece existir qualquer indignação sobre o fato da salvação ser apenas para os mais ricos e para o moço, é claro.

Os capítulos dezenove, vinte e vinte e um, que fecham o livro, tem *Invasões Bárbaras*(2003) de Denys Arcand como objeto de estudo. Guazzelli, um dos organizadores da publicação, contextualiza a crise financeira do Canadá vivida pelos personagens provocada pela Nova Ordem Mundial; e explicitada na película através dos precários serviços de saúde e das disputas políticas junto a Québec. O protagonista é um antigo professor de história acometido por um câncer que desfruta os últimos dias de vida na companhia de amigos da juventude do filho. Para Guazzelli, este choque de gerações provocaria reflexões nos jovens quanto aos valores e utopias da geração amor livre dos anos 60 e levaria a velha guarda ao confronto com os paradoxos da contemporaneidade (capitalismo financeiro e imediatismo).

Maria Luiza Fillippozi Martini, professora de história da UFRGS, faz uma análise mais crítica e ensaística e analisa que os personagens do *Declínio do Império Americano* (1986) – filme que antecede o *Invasões* -, não se sentiriam instigados a analisar o novo - o capitalismo cognitivo e financeiro - pois ainda estariam entrenchados no hedonismo. Maria Luíza ainda evoca André Gorz para tratar da subjetivação do capital e seu caráter imaterial.

Rafael Hansen Quinsani divaga sobre o simbolismo do terrorismo e da hegemonia estadunidense. Ele interpreta o personagem de Rémy como ícone do pensamento nacionalista da revolução francesa e seu filho, a nova geração, como representante de globalização. Mas para Quinsani, o conceito de globalização seria disforme e desigual e não uma essência universal homogênea. Para os três autores, o filme marcaria uma aparente transição de mundos, uma possível renovação de utopias.

O último capítulo é o de Extras e possui a ficha técnica dos filmes e algumas resenhas com temáticas paralelas diferentes das abordadas no restante da publicação.

Pensar no fim do mundo é sempre um exercício de reflexão sedutor sobre o próprio sentido da existência e da coletividade, visto que o tema é universal. O livro *Fim do mundo: guerras, destruição e apocalipse na história e no cinema* consegue abranger um conteúdo rico por conta do perfil diferenciado dos cineastas e da interdisciplinaridade comum à produção intelectual em ciências humanas. Outra qualidade da publicação, é que a análise das películas, realizados entre 1964 e 2009, findou em um resumo crítico histórico da escatologia nas últimas seis décadas. Apesar de não empreender flexões ao pensamento estético nem dialogar diretamente com teorias comunicacionais, a obra é de essencial contribuição para pesquisas que tratem desta temática fílmica. Neste livro, o fim do mundo pode ser uma alegoria para fomentar o medo (invasão nazista, comunista, terrorista), ao mesmo tempo que se personifica como um eterno retorno - em O Sacrifício, quando o filho é levado a repetir os passos do pai -, ou pode se materializar em cronologia linear – em 2012 uma catástrofe natural modifica a existência humana de forma irreversível -. É uma obra sobre a arte do morrer e do ser histórico e sobre o fim do mundo como linguagem.